

Quem se importa? Marcas do preconceito e da discriminação nas redes sociais digitais¹

Dilton Ribeiro COUTO JUNIOR²

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar algumas das marcas da ótica heteronormativa presentes nos discursos de internautas nas redes sociais digitais. Os princípios teórico-metodológicos são norteados, principalmente, pelos estudos de pesquisadoras que trabalham com as questões de gênero e sexualidade, como Judith Butler, Miriam Leite e Guacira Lopes Louro. Para compreender os fenômenos comunicacionais das redes digitais, também dialogo com Raquel Recuero e Lucia Santaella. A pesquisa vem apontando para a necessidade de se repensar a matriz das relações de gênero circunscrita no regime hegemônico da heterossexualidade, responsável pela produção e manutenção de discursos preconceituosos e discriminatórios contra as chamadas “minorias” sexuais.

Palavras-chave: Preconceito. Discriminação. Redes sociais. Heteronormatividade.

Abstract

The objective of this work is to present some of the marks of the heteronormative optic presented in the discourse of Internet users in social networks. The theoretical-methodological approach is guided mainly by studies of researchers who work with issues related to gender and sexuality, such as Judith Butler, Miriam Leite and Guacira Lopes Louro. In order to understand the communicational phenomenon of digital networks, I also dialogue with Raquel Recuero and Lucia Santaella. The research is pointing to the need to rethink the gender matrix circumscribed in the hegemonic regime of heterosexuality, responsible for the production and maintenance of prejudice and discriminatory discourses against the so-called sexual “minorities”.

Keywords: Prejudice. Discrimination. Social networks. Heteronormativity.

¹ Parte das reflexões deste texto foram apresentadas ao eixo temático “Preconceitos, violências e os sujeitos das exclusões” (modalidade comunicação), do III Seminário de Educação, Diversidade Sexual e Direitos Humanos, realizado em julho de 2014 na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

²Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Tutor à distância do CEDERJ/UAB no curso de Pedagogia da UERJ. E-mail: junnior_2003@yahoo.com.br

Introdução

*Os judeus não são suspeitos, eles já estão julgados.
É um regime de terror sem tribunal e sem pena anunciada.*
(Marília Amorim)

Pesquisar no campo de estudos de gênero e sexualidade no âmbito das práticas sociais mediadas pelas dinâmicas da cibercultura traz a possibilidade de dar continuidade ao meu interesse desde o mestrado pela investigação em *sites* de redes sociais da internet. Na minha dissertação (COUTO JUNIOR, 2013), recentemente concluída no Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ, reconheci o Facebook como espaço legítimo no qual é possível aprender-ensinar com o outro no diálogo na/em rede. Geralmente não muito explorados com as crianças e os jovens nas diversas instituições escolares, esses ensinamentos-aprendizagens, aos quais me refiro, encontram-se ancorados à linguagem da cibercultura, que permite a produção colaborativa de conhecimentos pelo uso de imagens, vídeos e sons. A partir de determinadas abordagens e procedimentos teórico-metodológicos, inúmeros autores vêm mostrando o quanto é possível uma melhor compreensão dos fenômenos comunicacionais que emergem na internet.

Para Santaella (2013), as redes sociais da internet são as meninas dos olhos na *Web 2.0*, com intensas formas de comunicação entre internautas que, cada vez mais, estão interconectados e compartilhando diversos tipos de conteúdos criados por profissionais e pessoas amadoras. De acordo com a autora, interagir na rede e em rede traz implicações para as questões referentes à sociabilidade, à subjetividade, às formas de ensinar e aprender, às expectativas, aos nossos anseios, dentre outras, uma vez que modifica a forma como recebemos informações e adquirimos conhecimento na relação com o outro. Segundo Bonilla (2009), a rede é a todo instante alimentada e transformada porque é um espaço de comunicação que vincula informações e seres humanos que têm a necessidade de permanecer interconectados, compartilhando e

criando saberes de forma colaborativa. Frente a isso, não há como negar que as redes digitais se constituem como canais comunicacionais potentes.

Este texto, fruto de pesquisa em andamento de doutorado, surgiu do meu interesse desde o mestrado pelas redes sociais da internet, mas enfoca um grupo específico de jovens; jovens que, geralmente, são *esquecidos* e *silenciados* pelas diversas instituições sociais. Para Louro (2011, p. 71-72), “ao não se falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda ‘eliminá-los/as’ [...]. Aqui o silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da ‘norma’”. Muitas vezes lhes conferindo pejorativamente nomes como *viadinho*, *bicha*, *boiola*, *gayzinho*, *frutinha*, *sapatão*, *fanchona*, *mulher-homem*, dentre tantos outros que reforçam e legitimam o preconceito e a discriminação, os jovens da pesquisa não se reconhecem dentro do modelo hegemônico da heterossexualidade. Frequentemente são apontados pelos outros como “diferentes” – uma diferença que os desqualifica, os desvaloriza e os torna “indesejáveis”. Para Silva (2005), a perspectiva pós-estruturalista compreende que “o processo de significação que produz a ‘diferença’ se dá em conexão com relações de poder. São as relações de poder que fazem com que a ‘diferença’ adquira um sinal, que o ‘diferente’ seja avaliado negativamente relativamente ao ‘não-diferente’” (p. 87). Quais relações de poder produzem os “diferentes” e os “não-diferentes”? Como abalar as estruturas de manutenção dessas relações de poder baseadas na ótica heteronormativa? E como a produção da “diferença” aparece nas redes sociais digitais?

Na epígrafe acima, as palavras de Amorim (2001) fazem menção à *Auschwitz*, nome designado à rede de campos de concentração operados pelo Terceiro Reich. Pareceu interessante apontar que muitos judeus foram julgados e exterminados durante a Alemanha Nazista, e hoje, em um contexto sociocultural distinto do país europeu, o regime democrático brasileiro me mostra o quanto muitas pessoas vivem também uma espécie de “*regime de terror*”. Referindo-se aos dados do Relatório Anual de Assassinato de Homossexuais, desenvolvido pelo “Grupo Gay da Bahia” (GGB)³, Leite (2012) mostra que, em 2011, o assassinato de 266 gays, lésbicas e travestis “fundamenta-se em uma concepção heteronormativa de sociedade e natureza solidamente arraigada nas tradições nacionais” (p. 193). Dados mais recentes do GGB

³O GGB pode ser acessado através do seguinte *site*: <www.ggb.org.br>. Acesso em: 26 out. 2013.

revelam que, em 2013, foram documentados 312 assassinatos de gays, lésbicas e travestis no Brasil, o que significou um assassinato a cada 28 horas naquele ano. Essa concepção heteronormativa traz questões que merecem atenção dos pesquisadores do campo de estudos de gênero e sexualidade, permitindo que novas reflexões sejam tecidas sobre outras formas de ser e estar no mundo, na esperança de romper com certezas e convenções culturais (LOURO, 2013).

Este é o pano de fundo da pesquisa de doutorado que venho desenvolvendo. O objetivo deste texto é apresentar algumas das marcas da ótica heteronormativa presentes nos discursos de internautas nas redes sociais digitais. Para isso, dialogo com estudiosas que trabalham com as questões de gênero e sexualidade, como Miriam Leite (2011, 2012), Judith Butler (1993, 2003) e Guacira Lopes Louro (2001, 2008, 2011, 2013). Pela necessidade de compreender as dinâmicas de interação e colaboração dos *sites* de redes sociais da internet, também me aproprio de reflexões do campo de estudos da comunicação, principalmente a partir de pesquisadoras que investigam os fenômenos da cibercultura, como Raquel Recuero (2012, 2013) e Lucia Santaella (2013).

Quem se importa?

*Primeiro levaram os negros
Mas não me importei com isso
Eu não era negro*

*Em seguida levaram alguns operários
Mas não me importei com isso
Eu também não era operário*

*Depois prenderam os miseráveis
Mas não me importei com isso porque eu não sou miserável*

*Depois agarraram uns desempregados
Mas como tenho meu emprego, também não me importei*

*Agora estão me levando
Mas já é tarde
Como eu não me importei com ninguém, ninguém se importa comigo*

(Bertold Brecht - 1898-1956)⁴

Ao tornar-se o Primeiro-Ministro da Alemanha em 1933, Adolf Hitler favoreceu a tomada do poder pelos nazistas, forçando Brecht e outros artistas e pensadores a exilarem-se por muitos anos em diversos países europeus. De acordo com Konder (1996, p. 14), “para exorcizar o desespero, era imprescindível reavivar a combatividade. A poesia também era um campo de batalha, os versos também podiam ser armas. O poeta [Brecht] fazia da literatura a sua trincheira”. Renomado dramaturgo e poeta alemão do século XX, Brecht denuncia e revela em seus versos acima, o quanto o nazismo foi um momento de muito sofrimento e injustiças sociais, dentro e fora dos campos de concentração. Não sendo minha intenção comparar o contexto do nazismo com o contexto atual, não há dúvida, entretanto, que estamos vivenciando hoje, na primeira década do século XXI, outras formas de injustiças sociais, com as especificidades de uma década nitidamente marcada pelos processos comunicacionais das redes sociais da internet.

Recuero (2013), ao refletir sobre a violência discursiva e simbólica nas conversações em rede, reitera a necessidade de um olhar mais cuidadoso sobre as interações na internet. Através da conversação em rede conhecemos melhor o outro, construímos os laços sociais e estruturamos nossos grupos sociais, segundo a autora. Nos *sites* de redes sociais é possível intercambiar ideias a partir do que é produzido e compartilhado pelos usuários. Em seu poema, a denúncia de Bertold Brecht parece legítima. Muitos jovens integram as chamadas “minorias” sexuais, e certamente *se importam* com a violência que tem sido praticada contra eles, dentro e fora das redes sociais da internet. Por que há uma tendência das “minorias” *se importarem* única e exclusivamente com seus pares? Será que ninguém mais *se importa com eles*? Alguém mais há de se importar, mas quem? E por que o uso da palavra “minorias” para referir a uma quantidade significativa de pessoas? Louro (2008, p. 20, grifos meus) explica que o termo “não pretende se referir a quantidade numérica, mas sim a uma atribuição valorativa que é imputada a um determinado grupo a partir da *ótica dominante*”.

⁴Poema publicado no boletim 05, do TV Escola: o canal da educação. O boletim é intitulado “Edição Especial: o impacto do racismo na educação” (TRINDADE, 2011). Vale ressaltar que o poema está disponível em diversos *sites* da internet.

Juntamente com as pessoas que fogem ao modelo hegemônico da heterossexualidade, os *negros* e os *miseráveis*, mencionados no poema de Brecht, também se constituem como parte desta minoria.

Venho reconhecendo a internet como um campo de pesquisa importante, principalmente quando a intenção é conhecer sobre o que pensam e dizem os internautas. Na pesquisa de mestrado (COUTO JUNIOR, 2013), adotei o Facebook como campo para dialogar e interagir com jovens, e percebi o quanto as redes sociais da internet possibilitam outras formas de aprender; um aprender que seja praticado nas dinâmicas do compartilhamento, da colaboração na/em rede com outros internautas. Incontáveis páginas neste *site* de rede social são destinadas a discutir os mais variados assuntos, agregando internautas de diversos estratos sociais/econômicos e de diferentes localidades do Brasil e do mundo. Informações são constantemente produzidas e compartilhadas nos *sites* de redes sociais, acarretando em inúmeras possibilidades de pesquisa na internet, indo desde a mera observação às interações *online* com uma quantidade significativa de usuários.

Vale ressaltar que as principais agências de notícias, de diversos jornais eletrônicos do Brasil e do mundo, vêm publicando reportagens sobre a temática das sexualidades, dando visibilidade às inúmeras questões que repercutem e fomentam discussões entre os internautas nas diversas redes sociais da internet. Somente em julho de 2013, inúmeras reportagens foram compartilhadas no Facebook, dentre elas: “Plenário da Câmara pode votar ‘cura gay’ nesta semana, diz Alves”⁵ (Portal G1), “MS: pai agride filho por ser gay e diz que iria ‘tirar o capeta a unha’” (Terra)⁶, “Clínicas prometem tratamento de ‘cura gay’”⁷ (O Globo), “Igreja homofóbica planeja realizar protestos no funeral de Cory Monteith”⁸ (Yahoo! News) e “Russian neo nazi groups

⁵ Reportagem disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/07/plenario-da-camara-pode-votar-cura-gay-nesta-semana-diz-henrique-alves.html>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

⁶ Reportagem disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/policia/ms-pai-agride-filho-por-ser-gay-e-diz-que-iria-tirar-o-capeta-a-unha,d2e2a76540b30410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 14 ago. 2013.

⁷ Reportagem disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/clinicas-prometem-tratamento-de-cura-gay-9113264>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

⁸ Reportagem disponível em: <<http://br.omg.yahoo.com/blogs/notas-omg/igreja-homof%C3%B3bica-planeja-realizar-protestos-no-funeral-cory-153958964.html>>. Acesso em: 17 jul. 2013.

tricking and torturing gay male teenagers; the blood is on Putin's hands"⁹ (The Daily Grind). Essas e outras reportagens que colocam em discussão as sexualidades que “desviam” da matriz heterossexual geralmente vêm acompanhadas de muitos comentários dos internautas; comentários que, muitas vezes, envolvem palavras extremamente deslegantes e carregadas de preconceitos e discriminações.

Como ressalta Louro (2001), a visibilidade das chamadas “minorias” apresentam efeitos contraditórios: se por um lado há uma crescente aceitação da pluralidade sexual, “por outro lado, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física” (p. 542). Indo nessa mesma direção, concordo que os internautas vêm produzindo discursos agressivos sobre as pessoas cujas sexualidades são “indesejadas”, conforme apresento a seguir:

*Ronaldo É UM HOMEM QUE TEM TUDO...
DINHEIRO...
FAMA, MULHERES...
Mas seu filho é... [nas entrelinhas: gay]
Ronaldo fracassou na vida.*

Os dizeres acima se referem à uma montagem, acompanhada de imagens sobre as férias dos filhos do jogador de futebol Ronaldo, que saíram do Brasil no dia 17 de julho de 2013 para encontrar o pai na Espanha¹⁰. A partir da repercussão na mídia sobre a notícia de férias da família, que vinha acompanhada de inúmeros registros fotográficos no aeroporto, muitos comentários dos internautas insinuavam que o filho de 13 anos do ex-jogador de futebol seria *gay*. O objetivo de conhecer as opiniões de outros internautas sobre as questões relacionadas à orientação sexual do jovem me despertou o interesse em questionar algumas das afirmações feitas a partir dos dizeres da montagem. A conversa a seguir¹¹, iniciada por **C. L.** no *blog* “Orgulho Hétero”¹², contou com a participação de mais dois internautas:

⁹ Reportagem disponível em: <<http://www.thedailygrind.com/2013/07/25/russian-neo-nazi-groups-tricking-and-torturing-gay-male-teenagers-the-blood-is-on-putin-hands/>>. Acesso em: 26 jul. 2013.

¹⁰ Para maiores informações sobre a viagem da família à Espanha, acesse: <<http://extra.globo.com/famosos/filhos-de-ronaldo-viajam-ao-encontro-do-pai-em-ibiza-fotos-9048518.html>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

¹¹ Optei pelo uso de siglas para me referir aos sujeitos, preservando suas respectivas identidades em função do teor das afirmações feitas.

C. L.: o jeito e beber até cair pra lavar as magoas de ter um filho que queima a rosca

Dilton: mas o que isso tem a ver com a felicidade do pai? fiquei confuso agora...

B. C.: **Dilton** geralmente quando se tem um filho (homem) a gente espera que siga os passos do pai! comedor! não como a dá mãe.... pra isso existe filhas.

Dilton: **B. C.** eu concordo que a gente espera muita coisa. Mas coisas inesperadas acontecem. E como a gente faz? Vale a pena sofrer a vida inteira por ter um filho homossexual?

B. C.: eu penso que, vai muito de educação familiar, maioria dos gay que conheço a família, tem um certo problema familiar, ou o pai agride a mãe ou o pai é alcoólatra. A educação é tudo em uma família. Se depois de tudo isso não adiantou, É VALIDO COSTURAR O CU DO FILHO COM AGULHA PONTA FINA! PONTA FINA É PARA NÃO SENTIR PRAZER!

Dilton: **B. C.** [...] Eu já ouvi muitas histórias de amigos próximos com esses famosos problemas familiares que voce citou (violência, uso excessivo de drogas pelos pais). Mas mesmo com esses problemas, a maioria dos meus amigos não é homossexual. Como você explicaria isso então?

B. C.: Alguns são mentalmente mais fracos que outros. Veja em uma favela, onde a violência predomina, será que todos são usuários? Violentos? Claro que não. O mesmo se adequar!

Dilton: **B. C.** [...] Vou fazer mais algumas colocações e perguntas a partir do que você escreveu... me parece incoerente (sem sentido) que as pessoas se tornem gays porque são mentalmente mais FRACAS. Sabe porque eu acho isso? Por que essas pessoas mentalmente FRACAS precisarão ser muito FORTES para lidar com o grande preconceito que ainda é forte no Brasil [...].

B. C.: [...] E vou ficar por aqui, senão, irão me acusar de homofóbico (se é que isso existe) por ter uma opinião contrária a uma minoria que não acrescenta em nada para humanidade(não só nessa mais em todas) a não ser promiscuidade e propagação de doenças. Força aí, na sua cura **Dilton**.

Dilton: não é porque eu penso diferente de você que isso me faz estar mais certo que você. Todo mundo tem direito a uma opinião e por isso eu não vou acusar você de nada. Acho que a questão não é inventar a cura para o gay ter a mesma orientação sexual que a maioria, mas inventar um jeito de todo mundo se dar bem. O que você acha?

P. R.: **Dilton**, se apesar de dinheiro, fama e mulheres vc tiver um filho gay, vc fracassou na vida!, consegui entender isso? Foi isso que a tirinha quiz dizer

Dilton: **P. R.** e voce concorda com a mensagem da tirinha?

--- não houve resposta à minha pergunta ---

¹²O blog encontra-se disponível em: <<http://orgulhohetero.blog.br/>>. Vale ressaltar que o conteúdo do blog é público e pode ser acessado por qualquer internauta, sendo possível postar mensagens nele caso o usuário tenha uma conta no Facebook.

A montagem foi compartilhada em uma página do Facebook que direcionava os usuários para um *blog* de mesmo nome. A conversa *online* foi realizada em julho de 2013 no *blog* e a minha intenção era conhecer opiniões divergentes daquelas que eu venho defendendo, conforme fica evidente nas ideias carregadas de preconceitos e discriminação. Não há dúvida de que, na cibercultura, principalmente a partir dos *sites* de redes sociais da internet, “é preciso reconhecer a importância política da liberdade de expressão promovida pelas interfaces fáceis e baratas” (PRIMO, 2013, p. 17). Será que essa liberdade de expressão na internet hoje implica que eu deva escrever tudo aquilo que eu penso? E se eu não escrevo, como as pessoas saberão o que eu penso? Por mais discriminatórias e preconceituosas que as ideias tecidas entre muitos internautas sejam, é no mínimo interessante ter a oportunidade de conhecer um pouco sobre os discursos produzidos pelo modelo hegemônico da heterossexualidade. Silva (2005, p. 107), apoiando-se na teoria *queer*¹³, diz que “ela nos obriga a considerar o impensável, o que é proibido pensar, em vez de simplesmente considerar o pensável, o que é permitido pensar”. Quais discursos sobre as sexualidades são proibidos de se pensar? Como as palavras promoveriam possibilidades de se pesquisar com o proibido?

Larrosa (2002, p. 21) mostra que “as palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras”. Não pude deixar de entristecer-me e preocupar-me com as tantas palavras que foram ditas na conversa *online* acima, pautada por uma ótica heteronormativa que vai de encontro com as ideias por mim defendidas nesta pesquisa. Para Leite (2011), a heteronormatividade constitui-se pela regulação das práticas sexuais, dos desejos, do sexo e do gênero, dentro de uma perspectiva que compreende as categorias binárias masculino e feminino como distintas, complementares e hierarquizadas. Desse modo, a ótica heteronormativa define “a estética, os comportamentos e os papéis sociais aceitáveis para cada gênero, em lógica dicotômica que *marginaliza os que se desviam de qualquer desses padrões*” (LEITE, 2011, p. 14, grifos meus). Butler (1993) mostra

¹³A teoria *queer* propõe o que Silva (2005) chamou de “reviravolta epistemológica” (p. 107), ao fomentar uma linha de pensamento que problematiza a identidade sexual por meio de um estranhamento que contesta a própria ideia de “normalidade”. Diversos pesquisadores, dentre eles Judith Butler, são teóricos *queer*.

que gênero e sexualidade apresentam uma inter-relação complexa. É possível se identificar enquanto mulher e não necessariamente desejar um homem. Isso mostra que a lógica heterossexual, pautada na ideia de relacionamento amoroso entre pessoas de gêneros diferentes, é inconsistente e frágil.

Caminhando na mesma linha de pensamento dos dizeres acima, Foucault (1988) também reforça a ideia de que as relações de poder regulam determinadas condutas atribuídas ao sexo:

Dir-me-ão que, se há tanta gente, atualmente, a afirmar essa repressão, é porque ela é historicamente evidente. E que se falam com uma tal profusão e há tanto tempo, é porque essa repressão está profundamente firmada, possui raízes e razões sólidas, pesa sobre o sexo de maneira tão rigorosa, que *uma única denúncia não seria capaz de liberar-nos*; o trabalho só pode ser longo. E tanto mais longo, sem dúvida, quanto o que é próprio do poder – e, ainda mais, de um poder como esse que funciona em nossa sociedade – é ser repressivo e reprimir com particular atenção as energias inúteis, a intensidade dos prazeres e as condutas irregulares (p. 15, grifos meus).

Retomo aqui novamente alguns versos de Bertold Brecht, que iniciam as minhas reflexões deste texto. Se *Primeiro levaram os negros, Em seguida levaram alguns operários e Depois prenderam os miseráveis*, não pude deixar de vislumbrar que o diálogo com alguns jovens internautas me despertaram um sentimento temeroso de que *Estavam me levando* – me levando a participar de um discurso mergulhado num olhar heteronormativo difícil de escapar. Conforme Foucault (1988) aponta na citação acima, as forças de poder que regulam os discursos e as condutas do sexo é consequência de uma repressão profundamente firmada socialmente e que exige tempo e esforço para ser desconstruída. Em função disso, concordo com o autor quando diz que “o trabalho só pode ser longo” (p. 15). As tentativas de dialogar com alguns jovens sobre essas questões evidenciaram o quanto ainda precisamos desconstruir e lutar contra práticas preconceituosas e discriminatórias que vêm sendo potencializadas nas diversas redes sociais da internet. Recuero (2013) não deixa dúvidas de que a conversação em rede é um espaço fértil para a constituição de discussões agressivas, ofensivas e propagação da violência. Ao mesmo tempo, as redes sociais se constituem como espaços importantes

para criar formas de resistência e combate às diversas formas de preconceito e discriminação.

Conclusão

Ao contrário das mídias massivas, nas quais o fluxo da informação se dá na perspectiva “um-todos”, nos processos comunicacionais mediados pelas mídias digitais em rede, há a possibilidade da comunicação “todos-todos”. A “liberação da palavra”, um dos princípios da cibercultura, torna os internautas capazes de romper com o polo da emissão, produzindo e compartilhando novos conteúdos e, dessa forma, promovendo novas ressignificações. Com a emergência das redes sociais digitais, podemos “conhecer melhor o Outro, estabelecer relações e construir os laços sociais que vão estruturar os grupos sociais e a sociedade como um todo” (RECUERO, 2013, p. 53). Entretanto, não há como desconsiderar que inúmeros grupos sociais vêm constituindo-senas redes sociais e apropriando-se da infraestrutura técnica da *Web* para propagar questões sexistas, racistas, dentre outras.

Através do ciberespaço compartilhamos arquivos de diversos formatos midiáticos com outros internautas, propiciando a todos criticar, alterar e acrescentar novas informações, que serão posteriormente, e indefinidamente, compartilhadas na *Web*. Um mesmo vídeo pode ser baixado de qualquer parte do planeta, passar por um processo de edição (com acréscimo de legendas, remoção do áudio e reposição de um novo etc.) e ser novamente compartilhado no YouTube ou em um *site* de rede social, por exemplo. Com um amplo e rico acervo multimidiático, a rede mundial de computadores “tem a capacidade de transformar a Internet em um hipertexto gigante, independente da localização física dos arquivos de computador” (LÉVY, 1999, p. 106). Diante disso, nem sempre é fácil conhecer os autores das imagens e dos arquivos postados na internet; arquivos que, muitas vezes, podem veicular mensagens de ódio aos negros, às mulheres, aos homossexuais. E não são apenas determinados arquivos que pregam o “ódio”, mas as próprias conversas *online* que se desenvolvem a partir deles podem ser igualmente preconceituosas e discriminatórias. E bastam apenas alguns cliques com o *mouse* para que o arquivo seja novamente compartilhado na rede.

Em 2011, havia 800 milhões de usuários no mundo cadastrados no Facebook e cerca de 200 milhões de pessoas participando do Twitter (RECUERO, 2012). E o número de usuários de redes sociais continua crescendo. Dito isso, muitos internautas vêm utilizando de forma intensa os recursos comunicacionais disponíveis na rede mundial de computadores, não deixando dúvidas da quantidade inesgotável de informação produzida e compartilhada na *Web*. Conforme eu destaquei anteriormente, o diálogo em/na rede também pode veicular marcas do preconceito e da discriminação, produzidas e divulgadas na forma de imagens, vídeos e comentários de internautas que povoam diversas comunidades no Facebook. Este é o caso da página “#Orgulho de Ser Hetero”¹⁴, que em julho de 2014 já apresentava mais de 1 milhão e 500 mil membros. Nela, diariamente são publicadas imagens como as que apresento a seguir:

Fig. 1: comportamentos esperados para cada gênero



Fonte: comunidade do Facebook, “#Orgulho de Ser Hetero”

¹⁴Disponível em: <<https://www.facebook.com/OrgulhoHeteroBR?fref=ts>>. Acesso em: 18 jul. 2014.

Fig. 2: crítica ao feminismo



Fonte: comunidade do Facebook, “#Orgulho de Ser Hetero”

Fig. 3: crítica ao gênero e às sexualidades



Fonte: comunidade do Facebook, “#Orgulho de Ser Hetero”

Milhões de usuários brasileiros estão cadastrados no Facebook, uma das redes sociais mais populares do mundo hoje. E quem se importa com as marcas do preconceito e da discriminação nas redes sociais digitais? Como acabar com a produção de discursos inflamados e violentos contra as chamadas “minorias” sociais? O meu objetivo não aqui não é responder prontamente às questões levantadas neste texto, uma vez que os fenômenos comunicacionais mediados pelas redes sociais ainda precisam ser

melhor investigados na tentativa de compreender a constituição de comunidades *online* que praticam o ódio aos negros, às mulheres, aos homossexuais, dentre tantos outros grupos que vêm sofrendo preconceito e discriminação na internet. Encerro este texto com o questionamento da feminista estadunidense Judith Butler (2003, p. 252): “Existe uma maneira de romper esse círculo pelo qual a heterossexualidade institui a cultura monolítica e a cultura monolítica reinstitui e re-naturaliza a heterossexualidade?”.

Referências

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2001.

BONILLA, Maria Helena Silveira. Escola aprendente: comunidade em fluxo. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.). **Cibercultura e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 23-40.

BUTLER, Judith. Critically queer. **GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies**, v. 1, n. 1, p. 17-32, nov. 1993.

_____. O parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cadernos Pagu**, n. 21, p. 219-260, 2003.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. **Cibercultura, juventude e alteridade: aprendendo-ensinando com o outro no Facebook**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

GRUPO Gay da Bahia. **Relatório Anual**, 2013. Disponível em: <<http://www.midianews.com.br//storage/webdisco/2014/02/14/outros/747486191270d149b81fdfe548b921d1.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

GRUPO Gay da Bahia. **Relatório Anual**, 2011. Disponível em: <<http://www.ggb.org.br/assassinatos%20de%20homossexuais%20no%20brasil%202011%20GGB.html>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

KONDER, Leandro. **A Poesia de Brecht e a História**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 1996. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/konderbrecht.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2013.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

LEITE, Miriam. Significação da violência e heteronormatividade no contexto da prática curricular. **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 1-18, abr. 2011.

_____. Violência e homofobia na escola. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Didática crítica intercultural: aproximações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 191-215.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56), p. 17-23, maio/ago. 2008.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 12. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

_____. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

PRIMO, Alex. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In: PRIMO, Alex (Org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013, p. 13-32.

RECUERO, Raquel. Atos de ameaça à face e à conversação em redes sociais da internet. In: PRIMO, Alex (Org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013, p. 51-69.

_____. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SANTAELLA, Lucia. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. In: PRIMO, Alex. (Org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013. p. 33-47.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

TRINDADE, AzoildaLoretto. Edição especial: o impacto do racismo na educação. **TV Escola: o canal da educação**, ano XXI, boletim 5, p. 1-18, maio 2011.